

## A ARTE E A FILOSOFIA COMO APROXIMAÇÃO DO HOMEM NA NATUREZA

**Eder José Fraioli Júnior**

### **RESUMO**

O homem desenvolveu formas de pensar e agir, bem como ferramentas que foram o modificando, o propósito aqui é desvelar como as culturas e as ações humanas são influenciadas pela arte e pelo fazer artístico. No século IV a.C. Platão dá início a uma corrente de pensamento que valoriza o racional em detrimento do sensível, onde apenas através do mundo ideal se chegaria a verdade. Essa filosofia será quebrada no século XIX com Nietzsche que reconhece a vigor da arte, e faz duras críticas ao pensamento ideológico e a sua pretensão de verdade.

**Palavras-chave:** Natureza, Arte, Filosofia, Conhecimento.

### **Introdução: o início e a magia.**

O Homem ao longo da história vem modificando a natureza que habita, criando linhas de pensamento sobre a sua conduta social e sobre a sua relação com o mundo. Essa transformação acontece também através das ferramentas que o humano cria, e essas por sua vez, acabam por interferir no modo de vida do próprio ser, assim a arte surge desde os princípios das civilizações, ou até antes delas. Deixando em aberto a questão, se ela se faz presente como forma potência da natureza sobre o homem, ou se é uma ação humana como forma de superação do natural.

Para Ernest Fischer (1959) filósofo e jornalista austríaco do século XX, em seu livro intitulado *A necessidade da arte*, onde busca demonstrar porque a arte é indispensável para a sociedade, a arte nasce junto com a capacidade humana de se apoderar da natureza, quando percebe que, através das ferramentas que cria, poderia transformar a sua realidade como se fosse mágica. A mágica em que se refere, é aqui entendida como uma forma de mudança do

real vivido, que altera a condição do ser de submisso em relação ao ambiente hostil em que vivia.

O processo mágico de mudança acontecia através da arte, na criação das novas ferramentas, no surgimento da linguagem, nos primórdios da organização cultural do homem. Tratava-se do moldar a pedra, da descoberta do fogo, da transcendência. De modo que para o autor “a arte é necessária a fim de que o homem possa conhecer e transformar o mundo. Mas é igualmente necessária em virtude da magia que lhe é inerente.” (FISCHER, 1959. p.18).

Tal mágica existente na arte, estava nos criadores do seu tempo, no homem que transformou a pedra em ferramenta, os gemidos em linguagem, assim como também estava presente nas primeiras tribos, em suas danças, e em seu coletivo, como se fosse uma forma de união daqueles povos.

A arte no alvor da humanidade tinha muito pouco a ver com a beleza e nada absolutamente com o desejo estético: tratava-se de um utensílio mágico ou de uma arma mágica do coletivo humano na sua luta pela sobrevivência.  
(FISCHER, 1959, p.42)

Assim a magia artística se tratava de uma superação em forma de criação do ser, uma criação intuitiva, movido pela potência de transformação do homem e no homem. Porém se avançarmos no tempo, haverá o aparecimento de outra força transformadora. Trata-se da razão, processo pelo qual o indivíduo passa a pensar de maneira lógica, e é através dessa linha de pensamento que as sociedades serão fundadas e desenvolvidas.

Com caminhar da humanidade, haverá o aparecimento da sociedade privada, a divisão do trabalho, onde o indivíduo passa a regular suas ações através da lógica e da razão. Há o desaparecimento da unidade tribal, e por fim o afastamento com a natureza. A mágica irá se dividir em arte, ciência e religião, processo que acontece na tentativa de por sob o aspecto da razão tais conhecimentos.

A arte se torna uma maneira do homem tentar retornar ao coletivo que não existe mais, um meio de retornar ao todo agora fragmentado e individualizado na sociedade moderna.

A arte sob todas as suas formas – linguagem, dança, cantos rítmicos, cerimônias mágicas – era a atividade social *par excellence*, comum a todos e elevando todos os homens acima da Natureza e do mundo animal. A arte nunca perdeu inteiramente esse carácter coletivo mesmo muito depois de desaparecida a coletividade primitiva e da sua substituição por uma sociedade de classes e indivíduos. (FISCHER, 1959, p.45)

Concluimos que, a arte desvela-se não somente de um papel, ou uma função que surge no início da humanidade, para o seu desenvolvimento, mas sim de uma maneira do homem compreender a si mesmo e a natureza, assim como, a realidade em que vive. Uma forma de completar o vazio que a forma fragmentária e racional em que a sociedade se organizou trouxe.

Para o autor “numa sociedade em declínio a arte, para ser autêntica, tem de mostrar a decadência. Mas, a menos que ela queira trair a sua função social, a arte tem de demonstrar que o mundo é transformável e tem de ajudar a transformá-lo.” (FISCHER, 1959. p.56).

Assumindo a arte o papel de mostrar ao homem a sua cegueira, em relação a sua forma de se organizar socialmente, alterando a percepção humana sobre o mundo. A arte em seu cerne se trata, de uma tentativa de transcendência em direção à natureza. Um ensaio para superar os limites do sensível, e quebrar o pensamento lógico.

### **1. A separação racional do homem e da natureza.**

No século XX Fischer enxerga na arte uma maneira de alterar a natureza e a sociedade, porém no século IV a.C. Platão, filósofo da antiguidade, já questionava o papel que a arte poderia ter sobre o homem, ele criticava a capacidade da arte de enganar e ludibriar o homem em busca do conhecimento.

Segundo Benedito Nunes (2010) Filósofo brasileiro que em seu livro *Introdução à filosofia da arte*, se propõe a analisar quais os grandes pensadores da filosofia e os seus legados em prol da arte, Platão irá criticar principalmente os pintores e escultores, pois a arte produzida por eles é apenas ilusória, e sem utilidade. Para o filósofo grego, que valoriza o

pensamento racional como uma forma de obtenção da verdade, pintura e escultura nada mais seria do que uma imitação, uma vez que a forma perfeita ou a verdade estaria sempre no campo das ideias.

É justamente no pensamento socrático platônico em que a separação em relação à mágica antes existe acontece, apenas o conhecimento produzido no campo das ideias será valido para o filósofo, recusando as formas de conhecimento que se dão no sensível, e no intuitivo.

Platão entende que as palavras se dão em um plano mais verdadeiro do que as imagens, assim irá classificar as artes das poesias como superior a da pintura, e até mesmo os artesãos seriam superiores, uma vez que o que produzem existe utilidade, ao contrário da pintura que para o filósofo não teria utilidade se não o de imitar.

Platão dá aos poetas uma posição privilegiada, separando-os artífices, tanto dos artesãos propriamente ditos dos pintores e escultores, que trabalham com as mãos, usando a matéria. Esses últimos artífices imitam as aparências das coisas e, por isso, a sua arte, que não ultrapassa a escala da beleza sensível, deficiente e incompleta, é até inferior à daqueles que se limitam a fabricar objetos úteis para vários misteres. (NUNES, 2010, p.23)

Percebe-se o motivo lógico pelo qual o filósofo grego rebaixa as artes visuais, pois para ele, elas não são úteis nem funcionalmente como ferramentas, nem ideologicamente, pois o que se dá no plano do sensível não é confiável para a produção da verdade.

Em Platão o desmembramento com a natureza se torna completo, uma vez que separa o mundo em sensível e inteligível, onde somente o mundo das ideias seria o detentor das verdades do mundo. O mundo dos sentidos seria apenas aparência, não somente as artes serão alvos de críticas, bem como toda forma de conhecimento que vem dos sentidos, logo ele nega o mundo natural em detrimento de um mundo ideal.

Tal postura é percebida em um dos textos mais famosos do filósofo, *A alegoria da caverna*<sup>1</sup>, aonde Platão através de um diálogo entre Sócrates e Glauco, irá justamente negar o

---

<sup>1</sup> A Alegoria da caverna – A Republica. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/203.pdf>

mundo sensível, o afirmando como falso, e declarar que somente o mundo das ideias, seria o mundo real.

Em sua busca pelo ideal o filósofo acaba por rebaixar as outras formas de conhecimentos, que não sejam a racionais, movidas pelo intelecto, e aceita apenas estas como verdade.

## 2. O legado estoico.

Na mesma Grécia antiga que separou através da racionalidade o indivíduo e a natureza, também surge uma corrente de pensamento que volta a uni-los, se trata do estoicismo. Segundo Luc Ferry (2012) filósofo francês contemporâneo, em seu livro *Aprender á viver*, onde busca desvelar as correntes de pensamento éticas que influenciaram a sociedade ocidental, os estoicos acreditavam que o homem faria parte de um universo finito e ordenado, onde todas as coisas acontecem em detrimento do cosmos.

Eles se baseiam em Aristóteles, na sua dimensão estética, e no seu pensamento, uma vez que o cosmos é perfeito, quem enxerga a feiura nele é porque não conheceu o seu todo, e se prende em um detalhe. Essa forma de pensar se transfere também para a ética e o modo como se deve viver.

Segundo a filosofia aristotélica, uma vida só será boa se ela desenvolver as suas potencialidades, ou seja, você só fara o bem se fizer o que de melhor pode fazer. Isso implica que cada pessoa possui uma potência, e essas são diferentes para cada um. Assim cada indivíduo deve buscar o seu aprimoramento, em detrimento das potências dadas pelo cosmo ao ser.

Só será possível pensar a ética sobre a vida toda. Para os estoicos não será viável enxergar a ética sobre uma conduta isolada. Uma vida ética para eles só poderá ser avaliada depois que ela acabar, pois até o final o homem poderia encontrar a sua potencialidade, e então a sua vida teria sido boa. Neste pensamento, ao contrário do platônico, que negava o

sensível, eles irão justamente valorizar as capacidades do corpo e dos sentidos em aprimorar suas capacidades. Não se trata de uma vida que foge da natureza, mas que preza por ela.

O estoicismo será responsável por uma filosofia que tenta novamente unir o homem e a natureza, como também preza pelo presente. De modo que, se o melhor que o homem pode fazer é desenvolver as suas potências, ele deve fazer isso no presente, sem olhar para trás nem para frente.

Os dois males que pesam, na opinião dos estoicos, sobre a existência humana, os dois freios que a paralisam e a impedem de alcançar a plenitude, são a nostalgia e a esperança, o apego ao passado e a preocupação com o futuro. Continuamente eles nos levam a perder o instante presente, nos impedem de viver plenamente. (FERRY, 2012, P.32)

Para Luc Ferry uma das grandes preocupações dos estoicos com a fuga do homem da natureza, está em relação ao presente. As lamentações ou os sonhos estariam sempre tirando o homem do seu tempo, para que ele viva algo que na realidade não existe. Pode-se enxergar aqui uma forma de alegoria da caverna, ao avesso, pois para os pensadores, ao ficar vivendo sobre reflexões futuras, ou divagações do passado, é que a vida estaria passando, e o homem estaria vivendo somente no imaginário. Assim eles estabelecem uma preocupação com o presente, que muitos séculos depois acabam por influenciar outro importante filósofo.

### **3. A crítica de Nietzsche.**

Em contraposição ao pensamento de Platão, que prioriza o racional e rebaixa o sensível, enxerga na natureza apenas formas de alienação, inferindo apenas ao intelecto a condição de verdade. Para o filósofo alemão Nietzsche (2009), toda a história do conhecimento humano, seria baseada em uma tentativa de firmar uma verdade que é construída sobre metáforas. O intelecto seria apenas uma ilusão criada pelo próprio homem,

para provar sua existência diante da natureza, onde ele primeiro inventa suas definições, e depois as usa para classificar, aquilo que foi definido por ele mesmo, como verdade.

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer. – Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. (NIETZSCHE, 2009, p.53)

Segundo Nunes (2010), para Nietzsche ao contrário do pensamento platônico que a acusava a arte de imitação, ela seria na verdade, o momento em que o homem mais se aproxima de um conhecimento que pudesse fazer sentido a sua existência, assim afirma.

O esteticismo nietzschiano é a justificação estética da existência. Os valores estéticos são superiores aos demais. A arte situa-se acima do Bem e do Mal, e é a única atividade através da qual o homem, manifestando a sua vontade de poder, restabelecendo o seu contato com os instintos agressivos reprimidos pela educação moral, pode criar um sentido para a existência. Não importa que a criação artística se afaste da realidade. As suas ilusões são mais humanas que as exigências morais e mais autênticas do que os conceitos frios e abstratos da ciência e da filosofia. (NUNES, 2010, p.86)

Nietzsche é contra toda a forma de aprisionamento do homem, seja pela religião, pela moral, ou pela própria ciência. Para ele a ciência acaba por tentar definir uma única verdade sobre o mundo em nome da razão, e nesse processo exclui as outras formas de conhecimento. Entre eles a arte, ou a mágica. Enquanto a religião e a moral servem como forma de negação do homem, do presente, e de seus desejos.

Se Fischer vê na arte a potência para transformar a natureza, em Nietzsche a natureza será por si só potência, a enganação da razão está em negar os sentidos, e a arte será um meio do artista de expressar a sua visão sobre o mundo através das potências que o afetam, ou seja, através da natureza que surge no indivíduo.

Em todas as épocas, os grandes sábios pronunciaram o mesmo juízo sobre a vida: *ela não vale nada...* Sempre e em toda parte se ouvia a mesma cantilena sair de suas bocas – uma cantilena cheia de dúvida, cheia de melancolia, cheia de cansaço da vida, cheia de resistência à vida. (NIETZSCHE, 2012, p.26)

O seu pensamento se alinha com o dos estoicos na sua valorização da vida e do presente. Porém para ele o mundo não se trata de um cosmo ordenado e perfeito, e sim de um caos de forças, por isso pensar em uma vida que seja mediada pela razão, e uma natureza organizada e com finalidade seria absurdo.

O filósofo alemão acredita que o homem não deve se desviar do seu presente, nem da vida, e essa é base de suas críticas aos ídolos, assim para o ele o mundo seria constituído de duas forças, as ativas e as reativas. As reativas são as forças que tentam barrar o homem, enquanto as ativas são as forças que o impulsionam, assim ele classifica como reativa, as tentativas de aprisionamento e de separação do indivíduo e da natureza, e ativas todas as formas que proporcionam ao ser vontade de potência, de criação, de vida.

Por isso as artes seriam mais verdadeiras do que a própria tentativa da ciência de constituir uma verdade, pois elas partem de uma visão do mundo do artista, que não se oferece como realidade, mas como um ponto de vista. O artista não nega as outras formas de arte, ele apenas oferece o seu modo de construção do mundo.

Consideremos ainda, por fim, que ingenuidade é dizer: “O homem deveria ser assim!”. A realidade nos mostra uma riqueza encantadora de tipos, a exuberância de um pródigo jogo de forma, de uma pródiga mudança de formas: e vem um miserável moralista indolente e diz “Não! O homem deve ser diferente”?... Ele sabe, inclusive como o homem deveria ser, esse coitado e carola; ele pinta o próprio retrato na parede e diz: “*Ecce homo!*” (NIETZSCHE, 2012, p.47)

De modo que a filosofia de Nietzsche se torna uma importante crítica que irá influenciar os pensadores da pós-modernidade, uma vez que sua postura de não criação de verdades absolutas, de aproximação com o mundo e com a vida, e de valorização do presente, são temas ainda hoje em pleno debate.

Assim deixando um importante legado de valorização e aceitação do desigual, e das díspares formas de ver o mundo. Uma postura crítica em relação à própria filosofia e a sociedade, que em tempos de políticas conturbadas ganha um importante espaço na sociedade, onde se fazem necessários a exposição e o debate de diferentes formas de pensar e agir. O aproximar da natureza, faz-se o tornar a vida, como um devir constante, que recusa o estável. Seja pela arte, pela filosofia, ou pela ciência, algo incide em nós, e nos força a mudança, a transformação. A mágica ainda acontece, e de algum modo, o homem ainda busca por ela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Editora Ulisseia. Lisboa. 1959.
- NIETZSCHE, F. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral**. Tradução: Torres Filho, R. in: Antologia de Textos Filosóficos. Marçal, J. (org.), SEED, Paraná, 2009 (pp. 530 – 541).
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução: Renato Zwick, L&PM, Porto Alegre, 2012.
- NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratrusta**. Tradução: Jose Mendes de Sousa, ebooksbrasil.com, 2002.
- Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf> em 02/06/2016
- NUNES, BENEDITO. **Introdução à filosofia da arte**. Editora Ática. São Paulo. 2010.
- FERRY, LUC. **Aprender á viver: Filosofia para novos tempos**. Tradução: Verá Lucia dos Reis. Objetiva. Rio de Janeiro. 2012.



**Para citar este trabalho:**

**JUNIOR, Eder José Fraioli. A ARTE E A FILOSOFIA COMO APROXIMAÇÃO DO HOMEM NA NATUREZA. Revista Paidéi@. Unimes Virtual. OUTUBRO .2016. Disponível em:**

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=index>